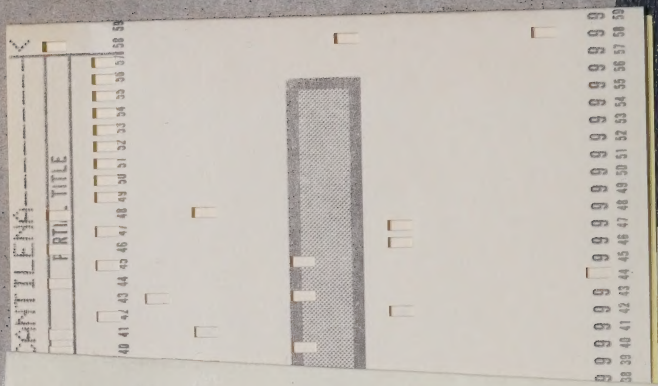
PQ9697
.T7
C3
1926

CANTILENA

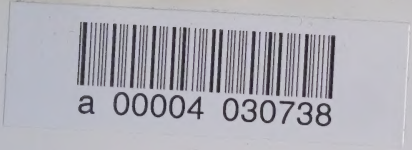


THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.T7
C3
1926

DEMCO


a 00004 030738

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

| DATE DUE | RET. | DATE DUE | RET. |
|---|---|---|---|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

No. 513

RENATO TRAVASSOS

# CANTILENA

PRIMEIRA SÉRIE

RIO DE JANEIRO

1926

A Murillo Araujo,
velho amigo e illustre
confrade.

Renato Travassos.

Rio, 19/5/927.

CANTILENA

Do mesmo autor:

"ORAÇÃO AO SOL" (1923)

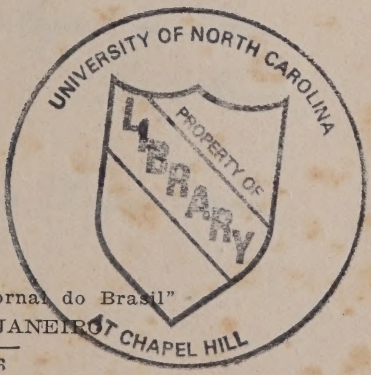
(*No* 3.º *milheiro*)

RC
C
PQ4697
.T7
C3
1926

RENATO TRAVASSOS

# CANTILENA

PRIMEIRA SÉRIE




Off. Graph. do "Jornal do Brasil"
RIO DE JANEIRO
1926

AOS MESTRES E AMIGOS

*Alberto de Oliveira,*

*Coelho Netto,*

*Augusto de Lima,*

*Luis Murat*

e

*Osorio Duque-Estrada.*

## I

Architectei, outróra, mil castellos;
O meu caminho se juncou de flores:
Toda uma vida, emfim, de róseas cores;
Todo um destino, emfim, de sonhos bellos!

De mulheres ideaes, que aos meus amores
Se viram presas por estranhos élos,
Gozei, sonhando, todos os anhélos, —
Beijos e abraços entontecedores...

Sonhei riquezas, glorias, — tanta cousa
Que nem sei, de tão grande e peregrina!
Mas, ah! quão longe, ó Céos, tudo isso vae...

E sonho, agóra, um lar tranquillo: esposa
Que seja honesta, e filha pequenina
Que nos diga, a sorrir: "Mamãe... Papae..."

## II

Ao ver-me descuidado e pensativo,
Cupido armou-se da luzente aljava
E, uma a uma, em mim as suas settas crava,
Ferindo-me de dor sem lenitivo !

E, assim, minh'alma de uma outra alma escrava,
Meu coração de um coração captivo, —
Eu, como não vivia, agóra vivo,
E penso agóra, como não pensava...

Por outro prisma encaro o mundo triste:
Engano com meu sonho a vida breve,
E na illusão o meu viver consiste...

Ah! vejo-a, sem lhe ouvir a voz e os passos:
E' ella! — apparece como o faz a neve
E, como a neve, esvae-se nos meus braços!

III

Qual, dentre tantas, vae, por onde sigo,
Acompanhar-me a minha vida inteira
E, ora tristonha e, ás vezes, prazenteira,
Ha de soffrer, gozar, — viver commigo ?

A qual eu chamarei de companheira ?
E qual me chamará de seu amigo
E, exposta ao vento, ou sob o mesmo abrigo,
A mim, a mais ninguem, sómente queira ?

Qual, dentre tantas? Tu, formosa Estella ?
Tu, Aurea Sylvia, mystica donzella ?
Ou, tu, morena e desdenhosa Arminda ?

Ninguem responde? Certo, para o triste,
Aquella, que se espéra, não existe, —
Ou já morreu, ou não nasceu ainda !

## IV

Buscar-te, quando foges, é loucura;
Prefiro, pois, deixar-me á tua espéra:
Has de vir, bem o sei, na primavéra,
Num dia claro, ou numa noite escura...

Mas, si tivésses vindo, que ventura!
Gozar o teu amor eu bem quizéra
Com todo o ardor, numa intensão sincera
De beijos, de sorrisos, de ternura...

Façamos juntos o aromado ninho:
Busca-me! Afflicto, espéro-te sósinho,
Para o delirio da paixão primeira...

O', vem depressa, bate á minha porta,
Porque viver assim me desconforta,
E eu não posso esperar-te a vida inteira!

## V

Attende! accode! vem! No teu regaço,
— Pequeno valle, cheio de perfumes, —
Hão de calar-se todos os queixumes;
Hei de encontrar repouso ao meu cançaço...

Como, sonhando e amando, lá no espaço
As estrellas, na noite os vagalumes,
Os anjos lá no Céo, no Olympo os numes,
Contem-me, tu, formosa, num abraço!

Vivo sósinho, vago sem abrigo:
Das tuas mãos franzinas e esmoleres
Depende a minha sorte de mendigo...

De beijos cobre minhas cicatrizes:
Serás a mais piedosa das mulheres!
Serei o mais feliz entre os felizes!

## VI

Da minha vida vae-se a primavera;
Nem sonhos tenho para o meu futuro:
E, emquanto, triste e ansioso, eu te procuro,
Vives, talvez, afflicta, á minha espéra...

Implaccavel dictame! fado escuro
Este que os corações nos dilacéra:
Mal saberás desta paixão sincera;
Mal saberei do teu amor tão puro!

Estás á espéra, e vivo a procurar-te
Por terra e mar, — emfim, por toda a parte...
E não nos encontramos nem nos vemos!

Em nada os nossos seres se differem:
Mas, ah! que, assim tambem, com taes extremos
São tantos os amantes que se querem!

## VII

Trate-se de um demonio desattento
Ou de um divino cysne de alva pluma, —
Na sorte que tivéres, noutra alguma
Tanto concentrarás o pensamento.

Encontres nisso, embóra, soffrimento,
Ou nisso a tua gloria se resuma, —
De tantas, feias e bonitas, uma
Sómente irás amar de amor violento.

Por ella viverás a vida inteira,
Numa constancia de alma prisioneira,
Em sonhos ou em delirios passionaes...

Vivendo para o teu amor profundo,
Cuidarás, finalmente, que, no mundo,
Outras mulheres não existam mais !

## VIII

Indifferente ao meu olhar profano,
Suspensa a um canto escuro da janella,
Sósinha e attenta, cheia de cautéla,
A aranha tem-se, num trabalho insano.

Evitando, por certo, algum engano,
Ou vendo alguma renda menos bella,
Mostra-se, num capricho todo della,
Tomada de um cuidado quasi humano.

Eil-a, depois, na gloria de quem ama,
A aza do sonho abrindo sobre a trama
Urdida em fios rútilos e bellos !

Assim tambem, aranha, quanta gente,
Ao mundo, que a perscruta, indifferente, —
Sonha e architecta no ar os seus castellos !

## IX

E', quando ao gôso tudo nos convida,
Que mais o nosso peito se resente:
A criatura vê-se descontente
E fica, na illusão, desilludida!

E', quando muito se ama, quando a gente,
Emfim, se encontra no melhor da vida, —
Que, sem razão, nossa alma se intimida
E esse desejo de morrer se sente...

No mundo, neste passageiro pouso,
Quem ama sonha um sonho tormentoso:
A flor, em vez de fructo, faz-se espinho...

Jamais se estranhe, pois, a humana sorte:
Alma captiva, coração mesquinho,
— Amor, eterno e verdadeiro, é a Morte!

## X

E' noite. Debruçando-me á janella,
Os olhos ponho no alto céo sombrio;
Nem uma estrella, tremula de frio,
Por entre as altas nebulosas, véla...

Só! Para onde ella está minh'alma envio;
Mas porque, mesmo em noite de procella,
Hei de sempre, afinal, lembrar-me della
E della encher meu coração vasio ?

Invocando-a, torturo o pensamento;
E, emquanto, definhando, me atormento,
Peior que a treva é o meu destino rudo...

Vêl-a e possuil-a fôra o meu empenho:
Sem ella, e tendo o mais, eu nada tenho;
Que a tendo, e mais não tendo, tenho tudo !

## XI

Na florea quadra me cobri de flores;
Tornei-me, emfim, cavalheiresco e bardo:
E, agóra, prompto para o idyllio, aguardo
A sonhada visão dos meus amores!

Emquanto, em ansias e desejos, ardo,
E esqueço, no delirio, velhas dores, —
Bebam-se filtros entontecedores,
Recenda no ar o capitoso nardo...

Note-se em mim o incendio dos sentidos:
Olhares desvairados e perdidos,
Braços abertos, bocca num queixume...

E julgue-se feliz o desgraçado,
Que na illusão o seu amor resume,
Amando sempre, e nunca sendo amado!

## XII

O amor, que, ás vezes, tanto nos illude,
Desesperou-me o espirito sereno;
Vasou-me n'alma todo o seu veneno:
Encheu-me de tristeza e de inquietude!

Vencêl-o, como o quero, nunca pude;
E, assim, atormentado, vivo e peno;
Para affrontal-o, sinto-me pequeno, —
Escravo triste de um senhor tão rude!

Mas amo! Soffro, ardendo em febre, em ciume,
No amor, emfim! E ah! não morrer um dia
Dos gozos que o noivado em si resume!

Amo... Mas este amor não tem poesia,
E luz, e gloria, e musica, e perfume...
E', finalmente, o amor que eu não queria!

## XIII

Quando, ás vezes, em sonho vaporoso,
Evoco a tua imagem peregrina,
Estranho sentimento me domina, —
Julgo-me, finalmente, o teu esposo...

E, arrebatado, na attracção divina,
Esqueço o meu presente doloroso:
Apenas, ébrio de volupia e gôso,
Vivo nessa illusão que me fascina...

Mas, sobre a pompa dessa phantasia,
A noite passa, célere e sombria,
Varrendo o rastro das visões esquivas...

E é treva tudo em quanto os olhos ponho:
Ah! como dóe, visão, depois do sonho,
A saudade das cousas fugitivas...

## XIV

Chegou, risonha, a quadra dos amores
E o floreo manto abriu-se pelos prados:
Mas não nos vemos juntos, braços dados,
Caminhando, felizes, entre flores...

Por montes e florestas separados,
Augmentam, dia a dia, nossas dores:
Iguaes em tudo aos meus os teus clamores;
Em tudo iguaes aos teus os meus cuidados!

E, assim, em vão, levados pelos ventos,
Trocam-se nossos tristes pensamentos
De mutuo desengano e de saudade...

Ah! somos como dois longinquos mundos
Que, em se buscando em altos céos profundos,
Mais se separam pela immensidade!

## XV

Os teus desdens augmentam meu desejo;
Quanto mais me desprezas, mais te anseio:
Bate-me, afflicto, o coração no seio;
Ardendo em zêlo, empós de ti rastejo...

Esteja o mundo de mulheres cheio:
A ti sómente, a mais ninguem, eu vejo...
Mas, ai de mim! Jamais terei teu beijo,
Jamais te prenderei num doce enleio!

Tudo nos prende, e tudo nos separa:
E's uma linda nympha esquiva e rara...
Sou como aquelle deus que nada alcança...

E, emquanto zombas deste amor sincero,
Minh'alma de querer-te não se cança:
Quanto mais foges... tanto mais te quéro!

## XVI

Em ti pensando, sonho, ás vezes, uma
Alcova e, sob um alvo cortinado,
Um fôfo, morno leito de noivado
Que, em vindo a noite, todo se perfuma...

Leito, ou antes, um ninho perfumado,
De pennas feito e floculos de espuma,
Que o deus Cupido arruma e desarruma,
Num mixto de loucura e de cuidado !

Leito, á beira do qual, ao ver-te bella
E moça, toda candida, donzella
Por entre véos e flores, brado: "Emfim!"

E nos meus braços tombas, num desmaio,
E eu, commovido, nos teus braços caio...
Mas vale a pena a gente amar assim ?

## XVII

Boneca, entre bonecas, se diria,
Si, na sua vaidade feminina,
Não fôsse menos criança que menina,
E mais desenvolvida cada dia !

Ensaia vôos a sua phantasia;
Confusamente os longes descortina:
Mulher inexperiente e pequenina,
Seu caprichoso instincto mal se amplia !

Mas, si ouve, acaso, alguem falar em beijo,
As suas faces cobrem-se de pêjo;
Sente no coração ligeiro chóque...

Não tarda muito, emfim, que o amor a enleve,
E ella, faceira e enfeitiçada, em breve
Suas bonecas por um noivo tróque!

## XVIII

E' doce, na ainda joven primavera,
Quando nos bosques desabrocham flores
E vem, sorrindo, a quadra dos amores,
Ficar, ó meu amor, á tua espera !

Somem-se, por milagre, as minhas dores:
De mil desejos na explosão sincera,
Sinto no peito um fogo de cratera
E na alma effluvios entontecedores...

Ah! quando chegas linda e sorridente,
A Natureza inteira, de repente,
Cantando e rindo, toda se engalana !

E, ébrios do muito encanto que resumes,
De ti se acercam azas e perfumes,
Flora de carne, primavera humana !

## XIX

Um quê de estranho paira nos espaços:
Estás por perto, estás... Eu sinto o aroma
Que vem dos seios teus, da tua côma,
E ouço o vago barulho dos teus passos..

Vem! Presa deste amor de eternos laços,
Terás beijos e abraços cuja somma
Não sabe quem os dá nem quem os toma, —
Milhões de beijos e milhões de abraços!

Quem ama seus intentos não disfarça:
Sahe de onde estás, e vem! Cabeça louca,
E's a metade da minh'alma esparsa...

Vem para o sonho e para os meus desejos,
E sentirás em ti, na tua bocca,
Milhões de abraços, e milhões de beijos!

## XX

Zonza, depois de vôo intenso e louco,
Vólta e, zumbindo no ar, pousa á janella;
Ao vêl-a, deixa a teia, a pouco e pouco,
A aranha vem, subtil, com os olhos nella...

Ao seu clamor fazendo ouvido mouco,
As azas lhe prendendo com cautéla,
Matando-a, emfim! — o féro bicharôco
Tem-na captiva e, bem juntinho, véla...

Ai, pobre! Em vão tentou romper os laços
Dessa cadeia que lhe tólhe os passos...
Pois o destino quiz que, assim, o fôsse!

Tambem, qual essa môsca, embalde corro
De uma aranha de olhar sereno e doce,
Em cuja teia me debato e morro!

## XXI

Um sonho doce, muita vez, me embala;
Perco-me, emfim, em louca phantasia:
E, assim sonhando, em plena luz do dia,
Vejo-te, aqui commigo, nesta sala...

Os teus olhares me enchem de magia;
Todo me enlevo pela tua falla;
E a tua carne adolecente exhala
Aroma capitoso, que enebria...

Fecho os ouvidos a quaesquer conselhos:
Amo-te, na illusão... E, para amar-te,
Venerando-te, ponho-me de joelhos...

E, emquanto, assim, por ti, do mais me esqueço,
No divino transporte de adorar-te, —
Ao ver-me, todos cuidam que endoideço !

## XXII

Piedade, si do teu fulgor me inundo;
Tu, que és bondosa, acolhe-me e perdôa !
Ao que, afinal, rasteja neste mundo,
Sê, meu amor, enternecida e bôa...

Que eu seja como o sapo côxo e immundo,
Dentro da noite, á beira da lagôa:
Serás a estrella do ermo céo profundo,
E escutarás, piedosa, a minha lôa!

Perscrutarás, emquanto resplandeces,
No meu olhar, que pelo teu se alcança,
Minh'alma, meus desejos, minhas preces...

E, assim, humilde mas ditoso, pela
Noite sem luar, eu viva, na esperança
Da redempção, á luz da minha estrella !

## XXIII

Este exquisito cheiro, que resumes
Na tua pélle de mulher morena,
— Violeta, nardo, sandalo ou verbena, —
E' o mais doce perfume dos perfumes !

Usam-no, bem o sei, sómente os numes;
Usaram-no Aphrodita, Eunice e Hellena:
Por onde passas, tudo se envenena
De extasi e amor, de sonhos e ciumes...

Por elle se enebria o proprio espaço:
Aspirando-o, morrer no teu regaço
E', ó flor do Céo, o ideal de toda gente...

Dês que passou por mim teu vulto esquivo,
Delle me embriago allucinadamente,
E nem sei, afinal, como ainda vivo!

## XXIV

Quando de amor a nossa vida é um sonho,
Sonhando, na minh'alma fiz teu ninho:
E sempre o ageito com o maior alinho
E, com recato e zêlo, o recomponho...

Cahe lá fóra o crepusculo tristonho:
E não vens! Melancolico e sósinho,
Buscando ver-te o vulto no caminho,
Em cada curva os olhos tristes ponho!

Mas desce a noite; vem a escuridade;
Funda tristeza o coração me invade;
Profundo anseio o espirito me encalma...

Ah! que se foi a quadra dos amores,
E fiz em vão teu ninho na minh'alma
E, á tua espéra, me cobri de flores!

## XXV

Ouço-te os passos: vaes chegar... Sósinho,
Eu só me desespero á tua espéra:
O sangue em minhas veias se acelera;
Sou todo anseios pelo teu carinho!

Vaes chegar! Que alegria em tudo, — na héra
Dos muros, nas areias do caminho:
Ha gorgeios de amor em cada ninho;
Com tua vinda, vem a primavera!

Vaes chegar! Vou beijar-te as mãos, a bocca;
Beijar-te toda, toda... Louco, e louca,
Dar-me-has, dar-te-hei, emfim, milhões de beijos.

Vamos, pois, — eu, comtigo, e tu, commigo, —
Viver felizes, sob o mesmo abrigo,
Satisfazendo, assim, tantos desejos!

## XXVI

A minha amada? Vivo a proclamal-a...
Tem olhos verdes e dourada côma:
Por onde passa deixa o seu aroma
E a harmonia sem par da sua fala!

Si, por ventura, dentre a turba assoma
Seu vulto, os homens todos abrem ala:
Para, afinal, contêl-a e veneral-a,
Ergue-se em cada peito uma redoma...

Das que no mundo eu vi, mulher nenhuma
Ha que taes seducções em si resuma;
Nenhuma tantos namorados tem...

Todos se prendem pelos seus encantos,
Todos... E ella, entre supplicas e espantos
Passa, não se prendendo por ninguem!

## XXVII

Vem! Cobre-se de flores a campina,
Como noiva que espera o noivo ausente:
Por montes e vallados a neblina
Foge aos beijos do sol doirado e quente...

Vem! Dá-me, tu, formosa, a mão franzina
E, ambos sentindo o mesmo amor ardente,
Vaguemos, cheios desta luz divina,
Tal um parzinho prónubo e contente!

Vem! Faz-se o vento em perfumada esteira;
Mostra-se em linda messe a terra inteira:
Abre-se em claro prisma a esphéra accesa...

Não tardes! vem! Nestas manhãs, querida,
E' que melhor se vive a nossa vida;
E' que melhor se entende a Natureza!

## XXVIII

Floriu-se novamente o meu jardim;
Acaba de chegar a Primavera;
Por tudo, agóra, doce aroma impéra
De rosa, de violeta, de jasmim...

Nunca se viu, por certo, encanto assim,
Nem eu, apezar de poeta, mais quizéra:
Pois vejo-me, feliz que sou, á espéra
Dos beijos teus, — do teu affecto, emfim!

Mas, vem! Por ti augmenta meu anseio:
Desejo esse perfume embriagador
Que se evola, estonteante, do teu seio...

Vem! Para celebrar o nosso amor,
Antes de ti, a Primavera veio
E, como nunca, trouxe tanta flor!

## XXIX

São lindas estas flores, bem o vês...
Mas, dellas qual desejas, qual preferes ?
— As flores são o encanto das mulheres:
Talvez, um lyrio? um malmequer, talvez ?

Lyrios, camelias, rosas, malmequeres,
Para enfeitar-te Deus tudo isso fez:
Mas dize-me, afinal, por tua vez, —
Afim de têl-as, quaes e quantas queres ?

Calas... E emquanto ao braço te conduzo,
Tomo-te as mãos, o teu olhar traduzo;
Ardo nos éstos de um amor sem fim...

E julgo, todo tremulo e radiante,
Vendo-te o rosto lindo e a côma ondeante,
Ver a flor mais perfeita do jardim!

## XXX

Não creio seja o quanto sinto méra
Febre de pósse, que enebria a gente;
Mas um profundo, verdadeiro, ardente
Amor, ou mais que amor, paixão sincera.

E' que, a sorrir, voltaste novamente
E, de novo, trouxeste a Primavera:
Que bom não foi ficar á tua espéra;
Nem sei o que dizer-te, de contente!

Abrem-se nos jardins lyrios e rosas;
Enchem-se os céos de estrellas luminosas;
Ao longe, de amoroso, o mar se embala...

Chegas-te a mim e, amante verdadeira,
Quanta meiguice em ti, na tua falla!
Vê-se bem que amas pela vez primeira...

## XXXI

Não eu, que te amo tanto e, ardendo em zêlo,
Os passos te acompanho, — mas o vento,
E num acinte ao meu amor ciumento,
Méxe comtigo, bóle em teu cabello!

E não sei, afinal, vingar-me, pelo
Muito que me tortura o seu intento:
Vendo-o e sentindo-o, apenas me atormento;
Meu sonho se transforma em pesadelo!

E' que o atrevido, para torturar-me,
Aos teus ouvidos, num cicioso carme,
Ha pouco disse todo o seu desejo...

Por elle a tua trança se destouca,
E elle ainda quer, alem do mais, um beijo,
Ou muitos beijos dar na tua boeca!

## XXXII

Debalde a bruta pedra fria, artista
E amante, após esforços mil, remato-a:
Não surgirá como desejo a estatua,
A' cuja perfeição ninguem resista !

Pygmalião infeliz da gloria fatua,
Succumbo, finalmente, na conquista:
Fitando-a attento, não deslumbro a vista;
E, sem amor, nos braços arrebato-a...

Maldita seja, pois, a louca idéa
Que tive de arrancar-te, Galathéa,
Formosa e viva, desse blóco informe!

Eis, para meu tormento, o que resumes:
Olhos sem brilho, bocca sem queixumes,
E pétreo, frio coração que dorme!

## XXXIII

As flores, que me enviaste, são formosas
E de um perfume raro, que enebria:
Por ellas toda a casa, noite e dia,
Recende a cravos, a jasmins e a rosas.

São lindas! mas, embóra tal magia,
Menos que a tua côma, vaporosas, —
Nem gózam do prestigio de que gózas,
Sobre as cousas e os seres, na poesia!

Pensando em ti sómente, quando escrevo,
Aos versos meus procuro dar relevo;
Quero-os dignos, na graça e na belleza,

De ti, que m'os inspiras, flor humana,
Das flores que ha no mundo soberana,
Obra prima immortal da Natureza!

## XXXIV

O amor, que desabrocha em nosso peito,
Não é, não pode ser nenhum tyranno,
Embóra seja um sentimento humano
E, como tal, a imperfeições sujeito...

Não tece, pois, a dor e o desengano;
Não se alimenta de odio e de despeito:
Quem ama chega até a ser perfeito,
Vendo-se, a um tempo, escravo e soberano!

Ama-se por amor á propria vida;
Ama-se de maneira indefinida;
E ama-se, ás vezes, por fatalidade...

O amor, emfim, preside á humana sorte:
Traz-nos ao mundo e nos conduz á morte,
Para a perpetuação da Humanidade!

## XXXV

Ligou-se a Natureza ao teu destino:
Dos pômos a delicia tens no seio;
Em tua voz, das aves o gorgeio;
No olhar, dos astros o fulgor divino!

Nos braços tens do mar o doce enleio;
No amor, o amor das deusas que imagino:
Resumes, pois, no corpo pequenino
O que de bello o Cosmos anda cheio!

Não és sómente a criatura amada
Que, sendo comparavel a uma fada,
Ardentemente se proclama em verso...

Amo, venero em ti, no teu encanto,
Na tua gloria de mulher, — o quanto
De mais perfeito existe no Universo!

## XXXVI

Por merecer um teu olhar sómente,
Um só olhar do teu olhar tão puro,
Como te contentar em vão procuro, —
Jamais encontro como te contente.

Julgas-me, com certeza, um ser impuro
E, alem do mais, affoito e irreverente:
Aspiro, emfim, ao que se não consente
E em cuja guarda se ergue um alto muro.

E' facil calcular-se o meu tormento,
O quanto me tortura o pensamento,
Levando-me esperanças e alegrias...

Debalde, na loucura, me aconselho:
Chego, assim, a invejar o teu espelho
No qual, fitando a ti, me fitarias!

## XXXVII

Baixinho, murmurado, quasi a medo,
Hoje, que, emfim, a ouvir-me estás disposta
E em mim a tua fronte se recosta,
Vou confessar-te todo o meu segredo...

Tenho em genuflexão minh'alma posta;
Vê que jamais o faço por brinquedo:
Em vez de um não, um sim confiado e lêdo
No fim de tudo, seja-me a resposta.

Ama-se quem nos possa amar um dia:
Sómente em ti meu coração confia;
Attende, sem disfarce, ao meu reclamo.

Escuta, pois. E' como si eu dissésse
Aos teus ouvidos resumida prece...
Eis, afinal, o meu segredo: "Eu te amo!"

## XXXVIII

Máo grado o zêlo teu, ciumento linho
Que a envolves toda, intransigente e grosso, —
O morno, perfumado corpo moço,
Prodigio de belleza, lhe adivinho!

Bastavam, para encher-me de alvoroço
E effeitos me causar de estranho vinho,
As suas mãos affeitas ao carinho,
O rosto lindo, e o Paros do pescoço...

Porém, o teu egoismo, avára roupa,
Ao meu olhar sequioso apenas poupa
O quanto ao pensamento se revela...

Para extasiar-me pelo seu encanto,
Precindo, pois, de approximar-me della
E de alto a baixo abrir-te, espesso manto!

## XXXIX

Nas tuas mãos nervosas este piano
Ganha outra fórma de expressão sonora:
Parece ter um coração humano,
E que minh'alma, dentro delle, chóra...

Todo um clamor de magua e desengano
Lhe escuto, quando, pela noite em fóra,
Elle, nas tuas mãos, soluça e implora,
Em doudo anseio, num tormento insano!

Vibram-lhe em cada técla os ais profundos,
Gemidos tristes, gritos moribundos,
De alguem que expira ao longe, no abandono...

Ouvindo-o, todo me encho de incerteza:
Ah! fico scismativo, na tristeza
De não dormir o derradeiro somno!

## XL

Ao lembral-o, ainda agóra me illumino;
Mas não sei, finalmente, como o conte:
De ouro era tudo, — o céo, o prado, o monte;
Tudo jamais se viu assim divino...

Um dia, como aquelle, adamantino,
Talvez, no mundo, nunca mais desponte:
Ornou-se de esplendores minha fronte;
Encheu-se de magia o teu destino.

O mundo, emfim, tornou-se em paraiso:
Minh'alma inteira abriu-se num sorriso;
Teu rosto apenas se cobriu de pêjo...

Em vez de treva, illuminou-se o espaço,
Quando, cingidos num sincero abraço,
Ambos trocamos o primeiro beijo!

## XLI

Morta, ninguem, ao ver-te, nesse dia,
Ha de propôr-se para teu eleito,
Sentindo, no desejo satisfeito,
Ineffaveis momentos de alegria.

Assim, ninguem, ardendo como ardia,
Comtigo, outróra, peito contra peito, —
Ha de querer dormir no mesmo leito
E beijar-te, amoroso, a bocca fria...

Por certo, sem caricias nem appôdos,
Hão de fugir de ti os homens todos:
Nem um leve contacto de epidermes...

Em teu caixão, sósinha e inanimada,
Conseguirás apenas ser levada
Para o noivado tragico dos vermes.

## XLII

Formosa nympha, em douda tentativa,
Busco-te, como o deus concupiscente:
Eu, de lascivo, sempre persistente...
Tu, de medrosa, sempre fugitiva...

Mas, no insano correr inutilmente,
(Eu — Pan sequioso, tu — Syringe esquiva)
Não sei de quem, como eu, padeça e viva,
Nem, como tu, fugindo assim, se ausente!

Corres de mim, com teus ardis de astuta;
Leva-me, empós de ti, o meu desejo...
E ambos, em vão, soffremos, nesta luta!

Antes, formosa nympha! perseguida,
Te visses, quando foges do meu beijo,
Em canoro elemento convertida!

## XLIII

Como és heroica, nas manhãs formosas,
Quando, sorrindo, montas a cavallo
E vaes, a tróte largo, em doudo abalo,
Por veigas e veredas pedregosas!

Aqui, transpões um monte; além, um vallo;
Ardes, no ardor da correria; gózas,
Afinal, de aventuras perigosas...
E tanto arriscas, que nem sei narral-o!

Ah! si incançavel fôsse o teu murzelo,
Eras capaz de nunca mais detêl-o,
Na ansia de percorrer estranhas zonas...

E' que, gentil patricia! em alvoroço
Nas tuas veias corre, heroico e moço,
O sangue das lendarias Amazonas!

## XLIV

Da loira Venus tens o rosto lindo
E de Céres, em ondas, o cabello:
Para ter-te, formosa, em atropelo,
Num bando lesto, os satyros vêm vindo...

Cautela! que esse bando, ora sorrindo,
Ha de beijar-te, sim, ardendo em zêlo,
O seio virginal, si não mordêl-o,
Na ansia feróz, no desespero infindo!

Tambem, qual esse bando alvoroçado,
Procuro um lindo seio que hei sonhado,
Onde depôr os meus primeiros beijos...

Mas, ai! de em vão buscal-o noite e dia,
Já me vejo cançado na porfia:
Hão de morrer commigo os meus desejos!

## XLV

Si em ti confio como em mim confias,
E me protejes como te protejo,
Não deves ter, assim, tamanho pêjo,
Nem devo ter, assim, as mãos tão frias.

Tenha este affecto, ardendo beijo a beijo,
Alguma cousa das paixões bravias:
Tornemos, finalmente, os nossos dias
Animados de amor e de desejo.

Tenhamos a alma sempre embevecida;
Não ha maior encanto para a vida;
Nem mais a desejar se atreve a gente.

Tudo, em redor de nós, se faz risonho:
E' sonho delicioso e surprehendente,
Ou realidade, ainda melhor que o sonho!

## XLVI

Um olhar, um sorriso, um gesto...O ensejo
Para o primeiro encontro! E, lado a lado,
Eil-os depois, a arder, no mutuo agrado,
Na cilada instinctiva do desejo!

Eil-os agóra, no auge do noivado:
Unem-se as mãos; e, logo, estala um beijo;
Nos dois amantes, finalmente, eu vejo
Adão e Eva, pouco antes do peccado...

Mudos de bocca, fallam pelos olhos:
Amam-se... E o amor, fonte de mil abrólhos
E encantos mil, o peito lhes domina.

Mas hão de arrepender-se do sublime
Prazer de agóra e, na illusão divina,
Sentir-se, em breve, réos do mesmo crime!

## XLVII

Quando, — tôlo que sou! — me afasto dessa
Em que me acólhes sala perfumada,
Longe do teu olhar nem ha mais nada
Senão o anseio de voltar depressa!

Pudéra! Ao lado teu, mulher amada,
O nosso amor em beijos se confessa:
Da tua bocca escapa-se a promessa
Por que minh'alma fica alvoroçada!

E's minha vida, sendo o meu desejo;
E, unico bem de que hoje me protejo,
Não devo me afastar do teu regaço...

E's meu desejo, sendo a minha vida:
Do que de ti me vem me satisfaço:
Só sei viver, vivendo assim, querida!

## XLVIII

Emquanto, nesta angustia de suicida,
Vacillo na agonia merencoria, —
Da minha queda surge a tua gloria,
Nasce da minha morte a tua vida!

No emtanto, altiva e mal agradecida,
Tu, no deslumbramento da victoria,
Esqueces por completo a triste historia
De quem por ti rolou na atróz descida.

No sacrificio immenso do holocausto,
Dei-te, tomando-as deste corpo exhausto,
As derradeiras gottas do meu sangue...

Ergues-te, pois, do alheio desprestigio:
Mas, ao rolar por terra, obscuro e exangue,
Eu só sei bemdizer o teu fastigio!

## XLIX

No dia em que eu morrer, soturno dia,
Has de chorar por mim desamparada;
E, no delirio de não ser amada,
Em vão me beijarás a bocca fria...

Sem mais querer-te como te queria,
Meu corpo irá, materia inanimada,
Para o silencio da árgida morada,
Num ermo de necropole sombria!

Hão de, porem, curar-se as tuas dores:
Teu pranto ha de seccar-se como as flores
Com que me enfeitarás a sepultura...

E tudo se resolve, num momento:
Sobre a minh'alma, a eterna noite escura;
Sobre a tua saudade, o esquecimento!

## L

Hontem, á tarde, quando me escrevia,
A sua carta vinha assim: "Renato,
Ao peito eu trago sempre o teu retrato
E, em ti pensando, vivo noite e dia.

Nem saberás fazer um juizo exacto
Das minhas horas de melancolia:
Sem teu amor, a vida me agonia...
E' que, afinal, te vaes tornando ingrato!

Em que mulher estás pensando agóra?
Um novo affecto no teu peito móra?
Que flor de carne os dias te perfuma?

Tu me desprezas..." Lido tal reclamo,
Todo me apresso em responder-lhe, numa
Ligeira phrase: "Pensa em mim. Eu te amo!"

## LI

Beijo-te assim, ó luva perfumada,
Porque és o morno e perfumado ninho
Onde ella esconde a sua mão nevada,
Aquellas cinco pétalas de arminho!

E, assim, no allucinado desalinho,
Na saudade da gloria dissipada,
Vejo-me, como em ultimo carinho,
Haurindo a tua essencia delicada!

Ah! da minh'alma no adito secreto
Morre um desejo e nasce outro desejo...
E, nesta estranha exaltação de affecto,

Beijo-te, ó luva perfumada e leve...
Beijo-te... E, em te beijando como beijo,
Beijo-lhe a pequenina mão de neve!

## LII

Possues fidalgo o porte, e noite escura
No olhar; na fôfa côma em ondas pretas,
De alfombras deleitosas a frescura
E esse subtil perfume das violentas!

Não usas de postiços e etiquetas;
E' natural a tua formosura:
Igualas ás Giocondas e ás Julietas,
E em teu semblante a Genese fulgura!

Em convulsões de amor, a cada passo,
Estremeces: palpita o teu regaço,
Qual terra inculta, á espéra da semente...

E's um mixto de força e de belleza:
Vejo em ti, sem que o saibas, eu sómente, —
Fulgurando, a fecunda Natureza!

## LIII

Deixa-me adormecer no teu regaço;
Dá-me, piedosa, um pouco de carinho;
Por onde andei foi tudo chão de espinho;
Feri-me todo, e enchi-me de cançaço...

Vê quanta magua, tanto desalinho;
Eu quasi nem consigo dar um passo...
Deu-me tormentos o destino escasso;
Hediondas provações soffri sósinho!

Mas, hoje, no calor do teu arrulho,
Ha de em mim resurgir de novo o orgulho
E a desejada paz, que reconforta...

Ama-me! satisfaze o meu desejo:
— Si a custo me arrastei á tua porta,
Dá-me, querida, a esmola do teu beijo!

## LIV

Como a neve, que surge, ao vir da lua
E, ao sol, se esvae nos giros que descreve,
Tu fugirás decerto dentro em breve,
Não me deixando uma lembrança tua!

Com seu engano e desventura sua,
Toda a nossa illusão findar-se deve;
E' mister que se esquive como a neve
E, finalmente, um dia se destrua!

Que o nosso amor, emfim, desappareça:
Desilludido, entregue á sorte avêssa,
Fique eu, sósinho e triste, nesta vida.

Sê tu minha ventura fugidia...
Quero antes ver-te esquiva e assim perdida,
Que te prender nas mãos inérte e fria!

## LV

Lenta e silente, desce a tarde fria;
Emmudecem as aves tagarellas;
Cobre-se o chão de folhas amarellas:
E tudo se enche de melancolia...

Um sopro estranho as carnes me arrepia;
Começam n'alma as intimas procellas:
Ah! como te intimidas e enregelas,
Meu todo de homem, no final do dia!

Para onde irei sósinho e silencioso,
Nesta infinita angustia sem repouso
Que, abrindo as azas, me suffoca assim?

Na treva augurios supulchraes escuto:
A noite se desdobra no seu luto...
Mas eu não sei o que será de mim!

## LVI

Vendo-te extremamente commovida
E, ao mesmo tempo, com tamanho pêjo, —
Mal posso approveitar o breve ensejo
De ter aos labios tua bocca unida!

Não quero mais beijar-te assim, querida,
Que, assim, eu não sacio o meu desejo,
Quando quizéra dar-te por um beijo,
Um beijo apenas, toda a minha vida!

Beijos de amor são dados com demóra...
Si não pretendes nunca a quem te adora
O peito repassar de estranha magua,

Sê sempre mais piedosa e mais sensata:
Pois uma grande sêde não se mata
Com uma pequenina gotta d'agua!

## LVII

Abro a janella e, concentrado, espreito:
A noite, como nunca, está sombria
E o rio, grosso e torvo, excede o leito
Em que, sereno e limpido, corria...

Encarcerada e afflicta no meu peito,
Por meu transido olhar minh'alma espia:
Culmina, emfim, o temporal desfeito;
Fuzila o raio, ruge a ventania!

Fecho a janella, e scismo... Finalmente,
Esqueço, para em ti pensar sómente,
Lá fóra os elementos em demencia!

E eis quanto crava em mim a garra adunca:
Peior que a tempestade, a tua ausencia
E o meu temor de que não voltes nunca!

## LVIII

Si soffres, ouve bem o quanto digo;
Confia, pois, em mim: Por onde fôres,
Urzes e espinhos pensa que são flores
E cuida em toda gente um peito amigo!

De nada valem gestos e clamores;
Procura no silencio o teu abrigo;
Padece, e cala; fecha, emfim, comtigo
Qualquer protesto contra as proprias dores!

Dentro do coração, como num cofre,
Sepulta tuas maguas! Sonha e soffre;
Definha, num sorriso, a bemdizel-as...

Imita o lago placido e profundo
Que, apezar dos calháos que tem no fundo,
Reflecte, resignado, um céo de estrellas!

## LIX

Como de esquiva corça o passo leve,
Vejo no chão signaes de teus passinhos:
Do bem, que a mim sómente se me deve,
Fala-me a doce voz dos passarinhos...

Mas quão assustadiço foi o breve
Instante em que, no despertar dos ninhos,
Com teus pés microscopicos de neve
As areias tocaste nos caminhos!

Ah! que, mostrando a tudo o rosto lindo,
Hoje passaste por aqui sorrindo,
Logo ao romper dos matinaes fulgores!

E fugiste de mim e do meu beijo,
Quando ver-te e beijar-te mais desejo
E trouxe, para dar-te, lindas flores!

## LX

O mundo ao teu olhar se faz risonho;
A' realidade a phantasia casas;
Possues, embóra o occultes, duas azas
Que te conduzem ás regiões do sonho!

E, no profundo amor em que te abrasas
E, cégo, todo o meu desejo ponho,
Esqueces este mundo tão tristonho,
E pairas muito alem das cousas razas!

Ardes e sonhas que, num céo aberto,
Commigo estás, — nos braços eu te aperto,
Qual doudo amante, na paixão primeira...

E que ambos, no calor do mesmo leito,
O seio unimos, num casal perfeito,
Para viver, assim, a vida inteira!

## LXI

Esse rostinho teu, no qual eu vejo
Ternas feições de mystica princeza,
Seduz-me tanto, encerra tal belleza
Que, ao vêl-o, todo me encho de desejo...

Mas este arroubo da minh'alma accesa
Nem de leve siquer te offenda o pêjo:
Desejo apenas dar-te um casto beijo,
Um beijo feito apenas de pureza!

Nem de outro modo fôra o meu affecto;
Não me julgues, emfim, um ser abjecto
Que, irreverente e estulto, te requesta...

Não! Vamos, ouve: um beijo só me basta;
Dá-me a beijar a tua bocca honesta,
E não ficarás sendo menos casta!

## LXII

Para colher um astro eu pouco faço;
Não me perco, afinal, em desatino:
Da mesma forma que Luis Delfino,
Basta-me apenas levantar um braço!

Vê: só por teus caprichos me domino
E as tuas phantasias satisfaço...
Desejas uma joia em teu regaço?
Dou-te uma estrella de esplendor divino!

Escolhe-a... Mas, ah! mal chegaste a vêl-as,
Do céo fugiram todas as estrellas,
Nem uma só ficou no firmamento...

Fugiram, escondendo-se, coitadas, —
Chorosas de se verem supplantadas
Pelo fulgor do teu deslumbramento!

## LXIII

Ao ver-te linda assim, palpitam ninhos;
Ha adejos e gorgeios no arvoredo;
Estremece de amores o rochedo;
De rosas atapetam-se os caminhos...

Cousas e seres, murmurando a medo,
Amam-te, ardendo pelos teus carinhos:
Tornam-se em flores todos os espinhos;
Tudo tem a dizer-te algum segredo!

Louco, zonzo de amor, perdido em zêlos,
Bolindo, caricioso, em teus cabellos,
O vento, empós de ti, geme anhelante...

Ao ver-te, da belleza ideal rainha,
Tudo, emfim, se declara teu amante...
Mas tu és minha, unicamente minha!

## LXIV

Ah! que chegou, de novo, a primavera
E trouxe, novamente, lindas flores:
Agóra, sim! verás, por onde fôres,
Que o gozo de viver em tudo impéra!

Sem nuvens negras, a azulada esphera;
Na terra, desmentidos dissabores...
Voltou, florida, a quadra dos amores
E o nosso amor, querida, nos espéra!

Não tardes, pois. Attende, vem depressa:
Tantos beijos e abraços promettidos
Não fiquem nunca apenas em promessa...

Vem pelo atalho; multiplica os passos;
Si te embaraçam, soergue os teus vestidos,
E corre: cahe depressa nos meus braços!

## LXV

Por bem do nosso amor, minh'alma, quando
Te ouve cantar, de ao pé de mim se afasta, —
E vae, ás pressas, pela noite vasta,
De uma em uma as estrellas accordando.

E, dentro em pouco, o luminoso bando
Que nos distantes, altos céos se engasta, —
Para escutar-te a voz maviosa e casta,
Accorda nos espaços, fulgurando.

Eis o milagre... Como por encanto,
De astros, que surgem para ouvir-te o canto,
O firmamento se povôa todo! —

Que brilho, que fulgor se espalha pelas
Alturas! — na amplidão ha luz a rodo;
Ha nos céos, afinal, milhões de estrellas!

## LXVI

Móra, talvez, na casa mais singela
Do bairro afidalgado e rico... Emtanto,
Palacio algum possue maior encanto
Nem mais nobreza de viver revela!

Daquelle nicho, erguido num recanto, —
A' tarde, quando, raras vezes ella,
Risonha, se debruça na janella,
Nada ha, por certo, que se adore tanto!

Ao vê-la, as plantas cobrem-se de flores;
Escutam-se blandicias e rumores;
O aroma, como incenso, no ar trescala...

Cheios de amor, — o vento, num cicio,
Soluça; geme a voz do mar bravio;
De estrellas de ouro se enche o céo de opala!

## LXVII

Do luar lascivo, que a deseja agóra,
Por uma fresta um raio se insinua:
Ella dorme, a sonhar... Debalde a lua,
Em zêlos e desmaios, a namora!

Debalde a lua, pela noite em fóra,
Arde e persiste... Vã lascivia a sua,
Afim de amal-a, tendo-a toda nua,
No proprio ninho de usneas onde móra!

Vive trancada em casa a sete chaves:
Tem, quando o somno aos sonhos a convida,
A resguardal-a, todos os entraves...

Detem-te, pois, ó lua! Casta e bella,
Essa que, assim, por nós é tão querida,
Apenas a si mesma se revéla!

## LXVIII

Embora um do outro vivam separados,
Amam-se com profundo sentimento:
E tanto amor, em vez de soffrimento,
E' goso sem desejos nem peccados.

Felizes, no desvelo mutuo, amados
E amantes, não se esquecem um momento:
Unem-se, agora, pelo pensamento,
Na estranha evocação dos beijos dados.

E, assim, da terra ao céo, da vida á morte,
Elevam-se, contentes, num transporte,
Nas azas do destino embriagador...

Amam-se! E cada dia mais amantes
E mais unidos, quanto mais distantes,
Que tanto póde o verdadeiro amor!

## LXIX

Minta este amor, fingido seja o agrado
Com que me tens captivo em teu regaço:
Amo-te! mesmo assim me satisfaço;
Tenho a doce illusão de ser amado!

Mente á vontade; seja simulado
O teu affecto, e fementido laço
Teu beijo, teu sorriso, teu abraço...
Não ponho nisto o minimo cuidado!

Si posso amar-te, o resto pouco importa.
Quando, sorrindo, dizes que me quéres,
E nunca me fechaste a tua porta...

Desculpo-te: mentir é das mulheres;
O teu amor fingido me conforta,
E creio em tudo quanto me disséres...

## LXX

Sonho, para o noivado que imagino,
Alcova quente e, nella, fôfo leito,
Cheio de aromas e de arminhos feito,
Do que possue o céo de mais divino !

Vendo-me neste ambiente peregrino,
Ao lado teu, exulto, satisfeito :
Pulsa-me, alegre, o coração no peito,
E só sei bemdizer o meu destino ...

Tendo-te, eu tenho tudo: a luz da aurora,
Das flores o perfume, que enebria ...
Outra se faz a minha vida, agóra !

E eu, que em tudo encontrava desencanto ;
Eu, que, sem teu sorriso, não vivia,
Agóra vivo, e mais : agóra canto !

## LXXI

Por onde vae, no matinal passeio,
Ao vento a cabelleira em desalinho, —
As flores se debruçam no caminho,
As aves vêm saudal-a num gorgeio ...

Ao vêl-a tão divina, tudo, cheio
De zêlo, de volupia e de carinho,
Procura approximar-se de mansinho,
E quer cingir-lhe o seio contra o seio!

Mas, eu, que a adoro, seu contacto evito:
Sinto pulsar-me o coração afflicto;
Tortura-me, afinal, a sua graça...

E' que, desesperado, tenho ciume
Dos passos, dos sorrisos, do perfume
Que ella deixando vae por onde passa!

## LXXII

Quando, na Arcadia, de lascivia cheio,
Dos mirtaes o caprino deus surgia,
Punham-se ao longe as nymphas, com receio,
Ou antes, com pavor, em correria...

Mas Pan, vendo frustar-se o doce enleio
Sonhado, novos planos phantasia:
"Fogem-me, que por ellas tanto anseio?
Hei de, emfim, conquistal-as algum dia..."

De facto, um dia, sem maior tormenta,
O deus versudo rude flauta inventa,
Enchendo-a toda de ternura e prece...

E, desde então, de cada moita ou gruta,
Quando, na Arcadia, agóra Pan se escuta,
Surge uma nympha, que a elle se offerece!

## LXXIII

Serenata de amor em minha terra,
Não ha, que a imite, canto de sereia!
A nevoa cobre os pincaros da serra,
E desce, em cortinado, sobre a aldeia...

Quanta poesia em si a noite encerra,
E nesta noite, de poesia cheia,
Não sei que aroma pelos ares erra,
Nem sei que luz de luar o chão prateia!

A gente scisma e se commove tanto,
Que não contem no olhar furtivo pranto;
De tanta commoção, a gente chora...

Abro a janella e presto ouvido attento:
Vae longe a serenata... e a aza do vento
Traz aonde estou a vibração sonóra!

## LXXIV

Os teus morenos e assustados seios,
Cuja belleza a penna não descreve,
Máo grado os escondêsse a bluza leve,
Certa vez, cobiçoso, desvendei-os!

E, embóra o fôsse por espaço breve,
Labios tornou-se o meu olhar: beijei-os...
— Ao vêl-os, delles tendo os olhos cheios,
Quem, assim, a beijar-t'os não se atreve?

Dei-lhes, emfim, o meu melhor carinho:
E quando, por accaso, em meu caminho
Eu te não vejo, que tormento infindo!...

Vêl-os, porém, de novo não desejo:
De os ter beijado assim, fiquei sentindo
Nos olhos a doçura desse beijo!

## LXXV

De heroicas lendas, tu, tambem heroina,
Cercada de uma aureóla de magia,
Eternizada ficarás um dia,
Visão do meu amor, mulher divina!

Seja Beatriz, Gioconda, ou Fornarina,
Inspiradoras da Arte e da Poesia,
Ou seja mesmo a biblica Maria,
Ninguem te excede em graça peregrina...

Terás, formosa, o incenso do meu verso:
Hei de ainda impôr-te aos olhos do Universo,
Orgulhoso de ti, dos teus encantos!

Hei de, emfim, teu fulgor fazer sabido;
Aos quatro ventos sempre repetido,
Será levado a todos os recantos!

## LXXVI

Si, dentro em breve, amor dos meus amores,
Pallida e fria, num caixão deitada,
Partisses para a celestial morada,
Quão profundos seriam meus clamores!

No transe atróz, sentindo as mesmas dores,
A propria Natureza, desolada,
Desprenderia o pranto da alvorada
Por sobre a tua campa aberta em flores...

Tercer-te-iam os anjos, com carinho
E amor, pequeno e illuminado ninho,
Velando-o, cautelosos, noite e dia...

E, certo, junto á Via-Lactea, pela
Divina mão no céo se accenderia
Mais uma nova, scintillante estrella!

## LXXVII

Penetro em sua alcôva de mansinho,
Armado de silencio e de cautela:
O quanto de seu corpo se revéla,
Com lascivos olhares lhe acarinho..

Ave do amor, no perfumado ninho, —
Adormece, a sonhar, risonha e bella,
No leito, cheio do perfume della,
Por entre tufos de lençóes de linho!

E em sua architectura, nos morenos
Cortornos, formas onde os olhos ponho,
Descubro logo a perfeição de Venus...

Mas, contenho-me: Ao vêl-a como vejo,
Têmo acordal-a e interromper-lhe o sonho,
Offendendo-a, depois, com meu desejo!

## LXXVIII

Sonho-me, ás vezes, de aprazivel ilha
Grega no ignoto seio, um deus helleno:
No alto, azulino céo tranquillo brilha;
Em torno, ondeia verde mar sereno...

Abre-se em flores mil o chão terreno;
Erra no espaço um cheiro de baunilha:
E eis que, afinal, sorrindo ao meu aceno,
Formosa nympha os meus dominios trilha...

E's tu, risonha imagem de innocencia,
Que te revestes de sublime essencia, —
Emquanto, para ter-te, eu me disponho...

Mas eis-me logo em desespero e espanto:
Pois tanto anseio e te desejo tanto
Que me desperto de tão lindo sonho!

## LXXIX

Bem mais que a mim a ti resistes, quando,
E'brio de amor, ao lado teu me vejo:
Tudo, afinal, negando ao meu desejo,
Mais a ti do que a mim o estás negando...

Muito desejas, tudo recusando;
E, assim, annullas o melhor ensejo:
Sem o consolo de um furtivo beijo,
Sempre de ti me afasto, mais te amando!

Si a mim me queres tal como te quero;
Si entre ambos nós existe amor sincero,
Não se concebem tantos embaraços...

Sejamos livres e, de modo ardente,
Amemo-nos, querida, livremente,
Fartando-nos de beijos e de abraços!

## LXXX

Ponho-me, ás vezes, a pensar no dia
Em que nos vimos pela vez primeira:
Estavas tu, amor, bella e faceira
E eu, só por teus encantos me prendia...

O que eras, afinal, me apparecia,
Altivo o porte, sôlta a cabelleira,
Como ainda me appareces, á maneira
De uma figura da Mythologia!

Não se me apagam nunca na memoria
As tuas galas nessa quadra florea,
Em que sorrias como linda fada...

Mas ha de, agóra e sempre, ouvir quem me ouça,
Que tu, querida, quanto menos moça,
Te vaes tornando muito mais amada!

## LXXXII

Por onde passa, na manhã festiva,
Tudo se encanta pela sua graça;
E ella, dando um sorriso a tudo, passa,
Qual uma deusa sorridente e altiva!

Mulher divina, flor da minha raça,
Por quem me abrazo, numa chamma viva, —
Ama-se muito, mas do amor se esquiva,
Sem que um desejo alheio satisfaça...

E tudo, ao vêl-a, se enche de carinho,
Buscando, em vão, detêl-a no caminho:
Ah! sob os passos seus, o chão murmura...

E o proprio céo se curva para vêl-a,
Porque no céo não ha nenhuma estrella
Que a ella se iguale em brilho e formosura!

## LXXXII

Por muito que te esquives ou te escondas
Entre os fieis rochedos, — vêm, no anseio
Lascivo de beijar-te o ventre e o seio,
Umas e outras após, lascivas ondas.

Buscam-te, num zeloso desenfreio,
Multiplicadas, em constantes rondas:
Querem-te para o reino das Golcondas,
De louras nymphas e nereydas cheio.

E's, afinal, de tudo a causadoura:
Ah! sempre, quando vens á praia, quanto
Furor marinho, que profundas maguas!

E' que, por certo, o mar, ao ver-te loura
E linda, cuida ver no teu encanto
Alguma deusa que fugiu das aguas!

## LXXXIII

Quando eu morrer e ao cemiterio fôres
A minha sepultura visitar, —
Em vez de algumas lagrimas no olhar,
Leva-me lindas flores, muitas flores...

Si, acaso, ao morto é dado algum pezar,
Enganarás, assim, as suas dores·
Não me vás torturar com vãos clamores;
Na terra fria, deixa-me sonhar...

Quero dormir, deixado no abandono,
Por entre flores, esse eterno somno
Que dá aos desesperos o esquecer...

Conserva, pois, o teu jardim florido,
Para (e é este, emfim, meu ultimo pedido)
A tumba me florir, quando eu morrer!

## LXXXIV

Empós de uma illusão, de um sonho incerto,
Abandonaste o maternal carinho;
Partiste, na incerteza de outro ninho,
Deixando o ninho virginal deserto.

Quizéste a liberdade, mas, liberto,
Ficaste mais escravo e mais sósinho:
Em vez de flores, encontraste espinho;
E o purgatorio, em vez de céo aberto.

Como fôste infeliz! Amor e gloria,
Tudo perdido, tudo nevoa e lama...
Reproduzes, amigo, a velha historia

De sempre, melancolica e enfadonha:
Tiveste a desventura de quem ama;
Tiveste, emfim, a sorte de quem sonha!

## LXXXV

Pensando em ti, ás vezes, me atormento
E invisto contra os deuses nos espaços:
Debalde alteio a voz, levanto os braços;
Não vae além da terra o meu intento!

Vencido, num profundo abatimento,
Pêso mortal de todos os cançaços, —
Cerco-me por mim mesmo de embaraços;
Prendo-me nos grilhões do meu tormento.

As maguas criam raizes na minh'alma
Que, na desesperança, mais se encalma:
Nem posso erguer-me para maldizêl-as...

Por fim, alem de tantos dissabores,
Tenho, sorrindo sobre as minhas dores,
Longinquo e esquivo, o brilho das estrellas!

## LXXXVI

Chóve, lá fóra... A noite é tormentosa:
Mas, aqui dentro, ao lado teu, comtigo,
Minh'alma encontra carinhoso abrigo
E, em vez de padecer, se alegra e góza...

Nesta pequena alcova côr de rosa,
Que bom ficar em teu regaço amigo,
Fazendo reviver o amor antigo
E olvidando a invernia tenebrosa!

Turvem-se os céos, e ullule a ventania!
Ah! deixa que, na abobada sombria,
Nenhuma estrella, agóra, resplandeça...

Chôva, lá fóra... Mas, aqui, na alcova
Onde se occulta o nosso amor, — não chôva,
Não vente, e nem se invoque a noite espêssa!

## LXXXVII

Si, no desejo torpe, na ansia louca,
Aquelle fáuno estulto te beijasse,
Teria maculado a tua face,
Teria conspurcado a tua bocca.

Sylphide, que elle estreite num enlace
Brutal, padece, na ventura pouca:
Se reage, vê-se em vão exhausta e rouca;
E' como se um vampiro a arrebatasse...

Entre elle e ti o espaço se interponha;
Viva elle em desespero, e tu, risonha:
Se não desejas a maior desdita

Que acontecer te possa neste mundo,
Mulher, os beijos desse monstro evita!
Estrella, foge desse sapo immundo!

## LXXXVIII

Quando eu morrer... (Maldicta seja a morte
Que me venha arrancar no teu regaço,
Partindo, bruscamente, o doce laço
Que, sendo frágil, nos parece forte!)

Quando eu morrer... (Maldicto seja o braço
Que, féro, o fio desta vida córte,
Deixando-me a alma, no perdido norte,
Entre outras almas, a vagar no espaço!)

Em vindo a morte, eu ficarei sósinho
No frio escuro de uma cova fria,
Onde não entra o sol do teu carinho...

Mas minha magua, meu pezar profundo,
O que, de agóra, muito me agonia,
E', viva, te deixar aqui no mundo!

## LXXXIX

Sinto que te approximas... Ouço o brando
Rumor dos passos teus: eu te adivinho:
Vejo-te, novamente, no caminho;
Afim de ver-me, vens depressa andando!

Na nossa alcôva, illuminado ninho,
Ha flores mil, perfumes exhalando:
E tudo se reserva, para quando
Chegares, o melhor do seu carinho...

Chegas. Emfim! E, ao ver-te aqui commigo,
Emquanto, de feliz, eu te bemdigo, —
Ouve-se um qual rumor, sussurro doce...

E' como se, na alcova perfumada,
Das cousas todas fôsses tu a amada,
E tudo, agóra, teu amante fôsse!

## XC

Esse corcel, de crinas agitadas,
Para onde vae, que, afoito, assim porfia
Num galopar sem treguas, noite e dia,
Erguendo no ar a poeira das estradas?

Ah! nem siquer, senhor de encruzilhadas
E abysmos, firme cavalleiro o guia
Na douda, estranha, incerta correiria,
Destino certo dando-lhe ás passadas!

O monstro horrendo, sem nenhum cançaço,
Um só momento não detem o passo,
E deixa, atraz de si, pranto e pavor...

Ao vêl-o, pasma o fraco, treme o forte:
Não posso, pois, acreditar que a Morte
Se cavalgasse nunca pelo Amor!

## XCI

Que outras, menos modestas e formosas,
Espaireçam, sorrindo, ao sol da praça:
Occulta, com recato, a tua graça
E vive, como os anjos, entre rosas...

Hão de jamais, postiças e vaidosas,
Symbolizar a perfeição da raça:
Nellas, belleza ou gloria, cêdo passa;
Nem gozam, com certeza, o quanto gózas...

Máo grado julgues o contrario, ainda
E sempre, sendo assim, serás mais linda:
Dominarás os corações e as almas!

E ao teu dispôr, terás, por onde fôres,
Dedicações e amor, bençans e flores...
Conquistarás, emfim, todas as palmas!

XCII

Por manto regio e natural adorno,
Sorrindo, a cabelleira desnovella:
Os pés, a perna, as linhas do contorno,
Cingem-lhe as aguas, já sequiosas della!

Mal immerge, porem, o corpo morno,
Sobresalta-se e, cheia de cautela,
Como nympha assustada, cuida em torno
Alguem que a espia assim, despida e bella!

Cuida tambem, nessa illusão, em brando
Rumor o nome seu dizer-se! Ansiando,
Espreita a porta que vae dar á rua...

E' o vento que, gemente e voluptuoso,
Por uma fresta entra subtil, medroso,
Para vêl-a e beijal-a toda nua!

## XCIII

Não me digas que vaes morrer um dia
E que, amanhã, a tua formosura
Ha de findar-se numa cova escura
E, alem de escura, fria, muito fria!

Este presagio triste me tortura;
Negro pavor as carnes me arrepia;
A minha vida sente-se vasia;
Vão-se-me, emfim, os sonhos de ventura!

Punge dizer que o teu olhar ardente
E que este corpo perfumoso e quente,
Tudo se acaba, tudo morre, tudo...

Pensando nisto, aos proprios Céos maldigo:
Mas, ao fazêl-o, tenho que me illudo,
Que só quizeste, amor, brincar commigo!

## XCIV

Chegaste, meu amor, ha alguns instantes;
Começo, emtanto, a ter de ti saudade;
Vago receio o coração me invade,
Como se ainda estivéssemos distantes!

E' que, mal chegas, te despedes, antes
De, juntos, nos deixarmos á vontade,
No pleno gôzo da felicidade,
Na mutua pósse, emfim, de dois amantes!

Chegaste! Dei-te apenas um abraço
E um beijo apenas, de contentamento...
Mas, ah! com pouco não me satisfaço!

Se não sacio o meu desejo infindo,
Se não demóras mais do que um momento,
Antes, querida, não tivésses vindo!

## XCV

Aranha do desejo, a minha teia,
Urdindo-a de aureos fios, no ar disponho:
E, astuto, penso em ti, comtigo sonho;
De amor por ti minh'alma vive cheia!

Ao ver-te o vulto, que borboleteia,
Espairecendo, â luz do sol risonho, —
Todas as seducções nos olhos ponho
E em minha voz, doçuras de sereia...

Dizem-me teu olhar e teu sorriso
Que, para ter-te, eu pouco mais preciso:
Hei de, emfim, apanhar-te em minha rêde...

Surdo serei, então, aos teus gemidos
E, ó borboleta, matarei a sêde
Que me tortura todos os sentidos!

## XCVI

Noite alta e negra, noite de procella:
Ullula, rouco e brusco, o vento frio;
Nem um astro sequer no céo sombrio;
E o mar, furioso, todo se encapella!

Fuzila o raio; róla, grosso, o rio;
E' o temporal que em furias se revella:
Bate a chuva nos vidros da janella,
Travéz dos quaes a tempestade espio!

Mas, penso em ti! E, em noite assim soturna,
Deixo-me em casa, como numa furna
Um leão desesperado e perseguido...

Nem esse temporal tanto me encalma
Quanto este só por mim apercebido
E que por ti se encontra na minh'alma!

## XCVII

Si, como bem o sabes, nunca minto,
Nem, mentiroso, já me vi culpado, —
Não me digas que eu viva sem cuidado,
E o meu amor esteja quasi extincto!

Por um poder subtil do meu instincto,
Vejo-te em toda a parte o vulto amado:
Encontro-o, a cada instante, revelado
Em tudo, em tudo o noto, em tudo o sinto!

Como se errassem ébrios por um éden,
Meus olhos nada mais ao mundo pedem:
Começa e finda em ti o meu desejo...

Amo-te, e muito. Fica, pois, tranquilla:
Tenho-te eternizada na pupilla;
Meu coração só sente o que mais vejo!

## XCVIII

Uma casinha, toda branca, em frente
Ao mar, voltando as costas para a serra,
Eis, quando se ama, o tudo que ha na terra,
Eis a suprema aspiração da gente!

O pensamento, abrindo as azas, erra
Feliz, e pulsa o coração contente:
Pois esse pouco basta plenamente
E em si, que é nada, o mundo inteiro encerra!

A' noite, fóra, um luar macio e brando;
A brisa mansa a te beijar a face;
Jardim florido aromas exhalando...

E dentro, completando o paraiso,
Alem de alcova em que eu te arrebatasse,
Teus passos, tua falla, teu sorriso...

## XCIX

Sereia de olhos verdes, verde trança,
Teu vulto engana, teu sorriso mente;
Julgando-te sincera, quanta gente
Se perde nos abysmos, Esperança!

Jamais Pandora, ironica e imprudente,
No cofre te deixasse, triste herança:
O quanto nos promettes não se alcança;
Espéra-se, afinal, inutilmente!

Enchendo de illusões a nossa vida
E crendo em ti, rolamos na descida,
Victimas da vertigem mentirosa...

E és ainda, na ironia do transporte,
Quem, de verde e aureolada de ouro e rosa,
Nos acena, a sorrir, alem da morte!

C

Pela volupia incerta de um minuto
E encontro da ventura appetecida,
Sósinho, á sombra da arvore florida,
Sentei-me, á espéra do primeiro fructo.

Vendo-me assim, o sonho me convida;
Ao devaneio pago o meu tributo:
Desce a noite, cobrindo-me de lucto
E enchendo de mysterios minha vida.

Como sonha, sorrindo, uma criança,
Adormeci, sonhando... E, emquanto o faço,
Ao vento o floreo arbusto se embalança.

De flores murchas todo o chão se junca:
Accordo! e, inutilmente, estendo o braço...
Ah! não tivésse, emfim, sonhado nunca!

*CI*

*Desta montanha, sob os céos profundos,*
*Não sei de mais brilhante descortino:*
*Alem do quanto vejo, ainda imagino*
*Estranhas cousas, differentes mundos!*

*De glorias e esplendores me illumino;*
*Meus pensamentos tornam-se fecundos,*
*Como se fôssem, por milagre, oriundos*
*De mysterioso espirito divino!*

*Homem, que, em vão, esqueces teus tormentos, —*
*Imita o meu exemplo... Taes venturas,*
*Para, afinal, sentil-as e dizêl-as,*

*Busca a montanha, e vive alguns momentos*
*Em communhão profunda com as alturas,*
*Longe dos homens, perto das estrellas!*

FIM DA PRIMEIRA SERIE. (A segunda série, que virá á luz opportunamente, terá, como esta primeira, 101 sonetos).

# INDICE

Pags.


Architectei, outróra, mil castellos; ..... 7
Ao ver-me descuidado e pensativo, ..... 8
Qual, dentre tantas, vae, por onde sigo, .. 9
Buscar-te, quando foges, é loucura; ..... 10
Attende! accode! vem! No teu regaço, ... 11
Da minha vida vae-se a primavera; ..... 12
Trate-se de um demonio desattento ..... 13
Indifferente ao meu olhar profano, ..... 14
E', quando ao gôso tudo nos convida, ..... 15
E' noite. Debruçando-me á janella, ..... 16
Na florea quadra me cobri de flores; ..... 17
O amor, que, ás vezes, tanto nos illude, .... 18
Quando, ás vezes, em sonho vaporoso, .... 19
Chegou, risonha, a quadra dos amores .... 20
Os teus desdens augmentam meu desejo; .. 21
Em ti pensando, sonho, ás vezes, uma . .. 22
Boneca, entre bonecas, se diria, ..... 23
E' doce, na ainda joven primavéra, ..... 24
Um quê de estranho paira nos espaços: .. 25
Zonza, depois de vôo intenso e louco, ..... 26
Um sonho doce, muita vez, me embala; ..... 27
Piedade, si do teu fulgor me inundo; ..... 28
Este exquisito cheiro que resumes ..... 29
Quando de amor a nossa vida é um sonho, . 30
Ouço-te os passos: vaes chegar... Sósinho, . 31
A minha amada? Vivo a proclamal-a ..... 32
Vem! Cobre-se de flores a campina, ..... 33
Floriu-se novamente o meu jardim; ..... 34
São lindas estas flores, bem o vês ..... 35
Não creio seja o quanto sinto méra ..... 36
Não eu, que te amo tanto e, ardendo em zêlo, 37
Debalde a bruta pedra fria, artista ..... 38
As flores, que me enviaste, são formosas ... 39
O amor, que desabrocha em nosso peito, .... 40
Ligou-se a Natureza ao teu destino: ..... 41
Por merecer um teu olhar sómente, ..... 42
Baixinho, murmurado, quasi a medo, ..... 43
Mão grado o zêlo teu, ciumento linho .... 44
Nas tuas mãos nervosas este paino ..... 45

Pags.


Ao lembral-o, ainda agóra me illumino; ... 46
Morta, ninguem, ao ver-te, nesse dia, ..... 47
Formosa nympha, em douda tentativa, .... 48
Como és heroica, nas manhãs formosas, ... 49
Da loira Venus tens o rosto lindo ..... 50
Si em ti confio como em mim confias, ..... 51
Um olhar, um sorriso, um gesto.. O ensejo .. 52
Quando, — tôlo que sou !— me afasto dessa . 53
Emquanto, nesta angustia de suicida, ..... 54
No dia em que eu morrer, soturno dia, .... 55
Hontem, á tarde, quando me escrevia, .... 56
Beijo-te assim, ó luva perfumada, ..... 57
Possues fidalgo o porte, e noite escura ..... 58
Deixa-me adormecer no teu regaço; ..... 59
Como a neve, que surge, ao vir da lua ..... 60
Lenta e silente, desce a tarde fria; ..... 61
Vendo-te extremamente commovida ..... 62
Abro a janella e, concentrado, espreito: .... 63
Si soffres, ouve bem o quanto digo; ..... 64
Como de esquiva corça o passo leve, ..... 65
O mundo ao teu olhar se faz risonho; ..... 66
Esse rostinho teu, no qual eu vejo ..... 67
Para colher um astro eu pouco faço; ..... 68
Ao ver-te linda assim, palpitam ninhos; ... 69
Ah! que chegou, de novo, a primavéra .... 70
Por bem do nosso amor, minh'alma, quando . 71
Móra, talvez, na casa mais singela ..... 72
Do luar lascivo, que a deseja agóra, ..... 73
Embóra um do outro vivam separados, .... 74
Minta este amor, fingido seja o agrado ... 75
Sonho, para o noivado que imagino, ..... 76
Por onde vae, no matinal passeio, ..... 77
Quando, na Arcadia, de lascivia cheio, ..... 78
Serenata de amor em minha terra, ..... 79
Os teus morenos e assustados seios, ..... 80
De heroicas lendas, tu, tambem heroina, ... 81
Si, dentro em breve, amor dos meus amores, . 82
Penetro em sua alcôva de mansinho, ..... 83
Sonho-me, ás vezes, de aprazivel ilha ..... 84

Pags.

Bem mais que a mim a ti resistes, quando . 85
Ponho-me, ás vezes, a pensar no dia .... 86
Por onde passa, na manhã festiva, ..... 87
Por muito que te esquives ou te escondas ... 88
Quando eu morrer e ao cemiterio fôres .... 89
Empós de uma illusão, de um sonho incerto, . 90
Pensando em ti, ás vezes, me atormento ... 91
Chóve, lá fóra... A noite é tormentosa: .... 92
Si, no desejo torpe, na ansia louca, ..... 93
Quando eu morrer... (Maldicta seja a morte . 94
Sinto que te approximas... Ouço o brando ... 95
Esse corcel, de crinas agitadas, ..... 96
Que outras, menos modestas e formosas, .. 97
Por manto regio e natural adorno, ..... 98
Não me digas que vaes morrer um dia .... 99
Chegaste, meu amor, ha alguns instantes; . 100
Aranha do desejo, a minha teia, ..... 101
Noite alta e negra, noite de procella: ..... 102
Si, como bem o sabes, nunca minto, ..... 103
Uma casinha, toda branca, em frente ..... 104
Sereia de olhos verdes, verde trança, ..... 105
Pela volupia incerta de um minuto ..... 106
Desta montanha, sob os céos profundos, .... 107

OFFICINAS GRAPHICAS
DO JORNAL DO BRASIL
- RIO DE JANEIRO - 1926

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL